

**A INCOMPATIBILIDADE ENTRE O SABER E O PODER EM
O VELHO E O MAR**

*Maria Angélica S.R. MARTINS**

Simone de Beauvoir, filósofa e feminista, publicou em 1970 um estudo acerca da velhice, onde procurou desmitificá-la, utilizando recursos fornecidos tanto pela ciência quanto pela arte em geral, na tentativa de demonstrar a capacidade de trabalho do idoso, caso seu potencial fosse devidamente explorado.

Desta forma, a partir das diferentes reações de seus entrevistados às mais variadas situações da vida (sexualidade, trabalho, participação na sociedade), a autora concluiu que a velhice é apenas um período de existência dotado de equilíbrio próprio, em nada semelhante à juventude ou à maturidade, mas capaz de "deixar aberta ao indivíduo uma vasta gama de possibilidades" (1, p. 303).

A partir desta perspectiva analisaremos o romance *O Velho e o Mar*, de Ernest Hemingway (3), à luz da semiótica greimasiana, onde nos se

* Aluna do Programa de Pós-Graduação

rã possível trabalhar o conflito entre as modalidades do **saber** e do **poder** e as figuras empregadas pelo autor para definir os papéis temáticos de **velho** e **pescador**, que polarizam o tema central da narrativa.

No início do texto em questão, S1 — representado pelo velho Santiago — está disjunto de seu objeto-valor — reintegração como elemento participativo na sociedade em que vive — inserindo-se na função que V. Propp (4) denomina "falta", "carência". A princípio, o rapaz — Manolin — funciona como um adjuvante (S3), mas a persistência da má sorte na pesca com o velho faz com que seus pais, no papel de destinador (S2), impeçam-no de continuar a parceria. Neste programa narrativo de base é, então, inserido um outro menor, de uso, que define o percurso do sujeito S1, em sua luta para obter a sanção positiva do destinador (S4), representado pelos outros pescadores da vila.

Em nível narratológico, o percurso de S1 se desenvolverá a partir da manipulação de S4, que modaliza S1 segundo o **querer**: ele precisa provar sua capacidade de trabalho para ser aceito pela aldeia de pescadores como um membro ativo.

Para Santiago, recusar a vida vegetativa

que se estende a sua frente é uma questão de honra, por isso necessita "afirmar até o fim os valores viris de coragem e resistência" (1, p. 43), presentes no enunciado que caracteriza tais valores: "Um homem pode ser destruído, mas não vencido" (1, p. 43). Assim, na luta contra a força do peixe há para ele apenas dois caminhos: vencer ou ser morto.

Perdendo a confiabilidade da aldeia devido a ter ficado oitenta e quatro dias sem conseguir fisgar um só peixe, aliado à sua fragilidade e velhice, deve lançar-se ao mar, a fim de empreender a reconquista de seu equilíbrio, ou seja, provar que ainda está vivo, pois a sociedade somente o aceitará como membro ativo, caso produza.

S1/S5 instaurado como sujeito de fazer deve executar uma **performance**: pescar o espadarte (objeto-modal), a fim de ficar conjunto com seu objeto-valor e obter a sanção positiva de S4. Desta forma, deve provar que é um sujeito competente, modalizado segundo o **saber** (sua experiência de vida), já adquirido.

Ocorre, todavia, que devido à velhice e à fragilidade, Santiago necessita recomeçar, readquirindo a modalidade do **poder**. Assim, deverá

passar por uma **prova qualificante**, segundo Propp, a fim de se tornar um sujeito competente modalizado segundo o **saber** e o **poder**.

A fragilidade da velhice é um obstáculo a ser vencido; para tanto, lança-se ao mar", "concebe projetos", mas no momento de os colocar em execução, seu organismo falha, "o cansaço lhe corta as asas, busca lembranças entre as névoas; o pensamento se desvia do objeto por ele mesmo escolhido" (1, p. 44). Santiago idealiza-se um pescador trazendo o maior peixe já visto, mas a carência de força interpõe-se entre ele e seu desejo.

Em nível discursivo, portanto, a andorinha do mar, símbolo do eterno retorno, da emigração e da separação, mas também da solidão para muitas culturas, figurativiza a ressurreição de Santiago do meio da sensação de inutilidade a que o velho havia sido relegado. É a "messageira" que traz a perspectiva de mudança, de renascimento, mostrando-lhe o local do cardume.

Santiago ainda não se desprende do passado, neste momento da narrativa, para aceitar sua condição de velho; ao contrário, mantém uma estrita solidariedade com o mesmo, manifestada nas projeções de seu inconsciente, nas figurativiza

ções dos animais e aves marinhas que dele se aproximam. "Decidem por vezes reconhecer-se no personagem que mais os valoriza: hão de ser para sempre o antigo combatente (...)" (1, p. 99); as sim, Santiago precisa reafirmar sua posição de pescador competente, ainda que velho.

As tartarugas que surgem logo após, e com as quais o velho se identifica — "eu também te nho um coração como o delas" (3, p. 40) — figu rativizam a sabedoria, a introspecção e a solidão, a fim de que possa ocorrer o redimensionamento da vida de Santiago a nível espiritual, caminho para a aceitação de sua nova etapa de vida. A este respeito, S. Beauvoir, citando Platão, esclarece que "os olhos do espírito só começam a adquirir acuidade quando os do corpo entram a baixar"; assim, o declínio da força conferirá ao velho pescador a conscientização de sua sabedoria.

No universo junguiano o mar é o símbolo do inconsciente coletivo "capaz de ocultar profundidade não suspeitadas, abaixo de sua luzente superfície" (5, p. 34). O nível da enunciação, portanto, sugere não só a consciência do **saber**, da experiência adquirida durante sua longa vida no mar mas também o ponto de partida da evolu

ção, no início da espiritualização da matéria. O coração que continua a bater nas tartarugas mesmo depois de mortas e o fato de Santiago também ter "um coração assim" (3, p. 40) e de os pés e mãos serem como os deles, sugere uma identificação a nível afetivo, pois "o homem idoso interioriza o passado sob forma de imagens, de fantasmas e de atitudes afetivas que ele projeta, as quais precisa ultrapassar para existir" (1, p. 111).

A solidão a que fica reduzido em meio às reminiscências encontradas no mar traduz a idéia de fraqueza, figurativizada na ave cansada, único ser em quem o velho projeta a preocupação com os anos vividos e com a necessidade de renascer, de recomeçar:

— "Que idade você tem? (...) Será esta sua primeira viagem?" (3, p. 62)

Ainda em nível discursivo o sema "sexualidade" é sugerido no casal de porcos marinhos que sopram com força e rolam na água, embora com relação ao casal de espadartes a idéia em questão possua um caráter mais afetivo. No campo da enunciação ficam as projeções da mente de Santiago, a falta que sente da esposa morta e de uma possível luta contra uma doença fatal.

A sociedade possui uma forte tendência a considerar o velho um ser praticamente assexuado, para quem os fogos da paixão há muito foram extintos; diante de tal posição, acaba por tratá-los com certo rigor, semelhante ao dirigido às crianças, classificando como "impróprias" atitudes como namorar, apaixonar-se, manter relações sexuais. Um paralelo traçado entre as pesquisas efetuadas por S. Beauvoir e o romance em análise, entretanto, mostra que, embora o velho possua os ardores da mocidade já diminuídos, os sentimentos continuam vivos e a falta de uma companheira com quem dividir os dias, os sonhos, os projetos e mesmo as lembranças manifestar-se-á, por exemplo, em uma atitude de renúncia à vida, quer através do suicídio, quer por meio de uma resistência passiva ao cotidiano, ou ainda nas projeções da mente em outros seres, tal como acontece com Santiago.

O nível narratológico, em um novo recorte, apresenta S5 (Santiago) como **sujeito de fazer** que executa uma **performance**, em um novo PN de uso, onde o peixe é **objeto-modal** com que S1 (sujeito de estado) **quer** e **deve** ficar em **conjunção**. Ocorre, entretanto, a transformação de **objeto-modal** em **sujeito de fazer** (S6) quando o pei

xe passa a lutar por sua liberdade, ao ser fisgado, tornando-se um **anti-sujeito**. O conflito aqui instalado durará o tempo necessário para que S1 seja modalizado segundo o **poder**.

Santiago enfrenta a prova da mão ferida e enrijecida — símbolo impotente de sua velhice — obstáculo que deverá superar através do **saber**, a fim de que S5 execute sua **performance** — pescar o espadarte.

O obstáculo da dor a ser vencida o velho projeta na figurativização do jogador de baseball — Di Maggio — que tinha uma "espora no osso" (3, p. 114), o destinador deste PN, onde a mão enrijecida e dolorida torna-se um **anti-sujeito** (S8), contra o qual S7 (Santiago) precisa lutar e sair vencedor, pois esta é sua **prova qualificante**, capaz de o tornar competente segundo o **poder**.

No nível da enunciação, o desabafo de Santiago "Por que não teria eu nascido com duas boas mãos?" (3, p. 99) remete aos conceitos de experiência e força, polarizados no **saber** e no **poder**. Neste momento da narrativa Santiago, em seu conflito pessoal, representa o ser humano eternamente em busca do equilíbrio, mas que devido a sua natureza de mortal não consegue obter

ambas, simultaneamente.

Ainda com relação à mão ferida, temos o aspecto da doença que, segundo S. Beauvoir, é tratada com certa negligência pelos velhos, os quais acreditam em seu desaparecimento natural, caso a ignorem. Santiago procura não se preocupar com a mão ferida, embora por vezes se rebele contra as câibras, e justifica sua recuperação atribuindo-a ao sol. Na realidade, ignorar a dor significa não aceitar a perda da juventude, e de seu conseqüente estado de saúde e vigor físicos.

A sede, a fome, a falta de sal, o esquecimento de víveres básicos e a necessidade de manter a cabeça lúcida são **oponentes** superados pelo sujeito, devidamente modalizado segundo o **saber**, que executa **performances** secundárias — comer golfinho, camarões crus, economizar a água da garrafa. A necessidade de **força** manifesta-se no desejo de ter por perto o rapaz tanto a nível do consciente (expresso verbalmente), quanto do inconsciente, este último figurativizado no sonho com o leão, símbolo do rejuvenescimento e do vigor, assegurado pela alternância da noite e do dia, do esforço e do repouso no mar.

Sl fica conjunto com o **objeto-modal**, mas Santiago tem um novo obstáculo a vencer, basica

mente pela força. Um outro PN de uso é instaurado, onde o **sujeito de fazer** (S9) confronta-se com um **anti-sujeito** — tubarões — disputando um mesmo objeto (modal, para o velho; valor, para os tubarões). A fim de manter a conjunção com o objeto, o sujeito utiliza os **adjuvantes** arpão, faca atada ao remo, martelo, cajado, leme do varão; mas fica disjunto do **objeto-modal** (carne do peixe).

O velho pescador reconhece-se vencido quando os tubarões comem o que sobrara da carne do peixe, sem que ele possua mais armas efetivas para golpear-los. Sente-se um pescador (3, p. 124) ao matar o peixe por orgulho e um vencido (pelos tubarões) que espera a cama. A este respeito, S. Beauvoir esclarece que quando se deparam com a incapacidade de se mostrar produtivos, muitos velhos adotam "uma atitude passiva de renúncia (...) decorrente de um sentimento de inutilidade" (1, p. 10). Santiago finalmente se defrontou com a ausência da modalidade do **poder**, o que fez desejar a estaticidade típica dos aniquilados pela vida: a cama.

"Eu nunca tinha sido derrotado e não sabia como era fácil" (3, p. 142);

"De cama é que eu preciso. Espero por ela com uma grande impaciência. É fácil quando se está vencido" (3, p. 142).

Santiago atribui sua derrota a uma superação de sua capacidade física, ou seja, foi "longe demais" (3, p. 142). Tal **falta** é traduzida pela disjunção de SI com a modalidade do **poder**, tornando-o um sujeito desprovido de competência.

O gato que passa pelo homem derreado, vencido, na areia da praia figurativiza "o pecado, o abuso dos bens deste mundo" (2, p. 462), caracterizando a explicação do velho para sua derrota face aos tubarões.

A sanção obtida pelo sujeito (Santiago) no PN de base pode ser entendida a partir de duas perspectivas: no nível do **ser**, evidenciando a ótica do pescador, é negativa, pois não conseguiu trazer o peixe inteiro, com toda sua carne, devido a seu orgulho desmedido: "Fui longe demais, foi o que foi" (3, p. 142); e no nível do **parecer**, segundo o ponto de vista dos habitantes da vila (destinador), é positiva, pois o velho conseguiu provar sua capacidade de membro ativo da

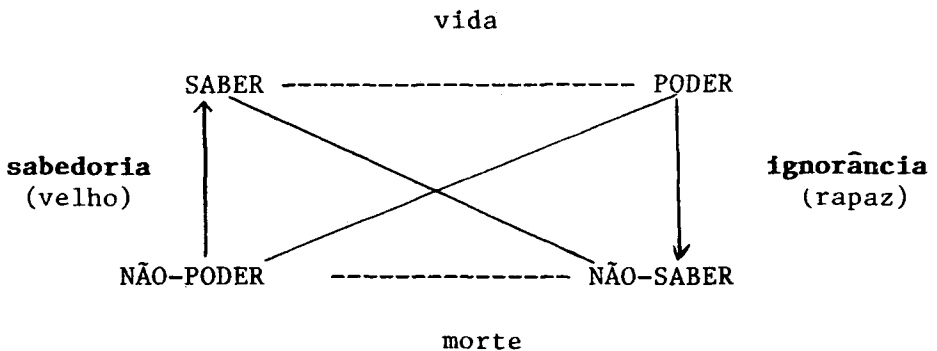
comunidade, trazendo o enorme espadarte.

Os temores de Santiago são plenamente justificáveis, segundo S. Beauvoir, pois "a sociedade só se preocupa com o indivíduo na medida em que ele produz" (1, p. 303). O suposto "humanismo" que se desenvolveu em relação ao velho é questionável na medida em que até mesmo o operariado conseguiu integrá-lo à humanidade apenas enquanto elemento produtivo. Desta forma, quer seja nas sociedades capitalistas, quer nas comunistas, a preocupação real para com o velho se manifesta até o momento em que ele para de produzir. A partir de então, ao idoso só restarão "os olhos para chorar" (1, p. 303) e a cama para deitar e morrer.

O Grupo de Entrevernes (2, p. 122) define o ator como "uma figura portadora ao mesmo tempo de um ou vários papéis actanciais que definem uma posição em um programa narrativo, e de um ou vários papéis temáticos que definem sua pertinência a um ou vários conjuntos figurativos". Desta perspectiva, temos Santiago desempenhando os papéis actanciais de **sujeito de estado** (S1) e de **sujeito de fazer** (S5, S7, S9), ao mesmo tempo em que utiliza os papéis temáticos de "velho vencido" e "pescador experiente", num entrecruzamen

to dos planos narratológico e discursivo, compondo a figura do ator.

A luta pessoal entre Santiago e a aceitação da velhice, fundamentalmente, poderá ser representada no quadrado semiótico através da confrontação das modalidades do **saber vs poder**, no nível do desejo:



O diálogo travado entre o velho e o rapaz (3, p. 147), onde o primeiro concorda que foi vencido, mas não pelo peixe, e que durante a noite cuspira "qualquer coisa de estranho" (3, p. 149), sentindo algo que se lhe quebrara no peito, exemplificaria a aceitação dos limites de sua força. O esqueleto do peixe-espada traduz não apenas sua essência de pescador mas também seus limites enquanto velho.

A união restabelecida com o jovem — o leão, a força —, a quem deverá transmitir sua experiência, restaura o equilíbrio entre o **saber** e o **poder**. A repetição do sonho com os leões, no final, configura a necessidade de obtenção da força pelo velho, através da integração no trabalho com o jovem.

Simone de Beauvoir sugere que o indivíduo deveria ser utilizado pela comunidade e a ela integrado, desde sua mais tenra idade, a fim de que chegasse um dia à velhice sem senti-la, morrendo naturalmente, tendo sido útil todo o tempo. Em *O Velho e o Mar*, o desfecho apresenta uma das alternativas apontadas pela filósofa para a reintegração do velho à sociedade, na transmissão do saber adquirido às gerações mais jovens. A autora esclarece, entretanto, que para ocorrer tal ajuste, a própria sociedade deveria sofrer uma mudança em seus valores, a fim de não mais considerar a velhice como um fim de sonhos, da capacidade de ser útil, de o velho sentir-se vivo, enfim.

"É preciso ter vivido durante muito tempo para se chegar a uma concepção justa da condição humana, para se obter uma visão global da maneira como se passam as coisas" (1, p. 121). A

velhice cabe, portanto, a primazia de possuir um cabedal de conhecimentos e de experiências adquiridas ao longo da vida, que nem mesmo a tecnologia mais avançada logrou conferir ao jovem, incapacidade de possuir, simultaneamente, os dois atributos sonhados por todo ser humano, mas apenas tangíveis pelos deuses míticos: a experiência e a força.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BEAUVOIR, S. *A velhice: relações com o mundo*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.
2. GRENT. Grupo de Entrevernes. *Análisis semiótico de los textos: introducción teoría práctica*. Madrid: Ed. Cristiandad, 1982.
3. HEMINGWAY, E. *O velho e o mar*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1956.
4. PROPP, V.I. *Morfología do conto maravilhoso*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1984.
5. SANTOS, C.C. dos. *Individuação junguiana*. São Paulo: Sarvier, 1976.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- CHEVALIER, J., GHEEBRANT, A. *Dicionário de símbolos*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1988.
- CIRLOT, J.-E. *Dicionário de símbolos*. Barcelona: Ed. Labor, 1978.
- COURTÉS, J. *Introdução à semiótica narrativa e discursiva*. Coimbra, Almedina, s.d.